

Cinema no antropoceno: entre Fordlândia e Equilíbrio¹

Karla Holanda²

Universidade Federal Fluminense - UFF

Resumo

Enquanto o curta-metragem *Equilíbrio* (Olinda Tupinambá, 2020) trata da problemática ambiental a partir de uma entidade espiritual indígena que acusa o mundo civilizado como responsável direto pelo grave desequilíbrio que afeta o planeta hoje, o média-metragem *Fordlândia Malaise* (Susana de Sousa Dias, 2019) aborda a ligação entre passado e presente na cidade fundada por Henry Ford, em 1928, num mirabolante e megalômano projeto civilizatório na selva amazônica brasileira. Embora com concepções e abordagens muito diferentes entre os filmes, a proposta deste trabalho é promover encontros entre filmes e observar o que deles pode emergir.

Palavras-chave: Cinema; Antropoceno; Método.

Resumo expandido

Enquanto o curta-metragem *Equilíbrio* (Olinda Tupinambá, 2020) trata da problemática ambiental a partir de uma entidade espiritual indígena que acusa o mundo civilizado como responsável direto pelo grave desequilíbrio que afeta o planeta hoje, o média-metragem *Fordlândia Malaise* (Susana de Sousa Dias, 2019) aborda a ligação entre passado e presente na cidade fundada por Henry Ford, em 1928, num mirabolante e megalômano projeto civilizatório na selva amazônica brasileira. Embora com concepções e abordagens muito diferentes entre os filmes, a proposta deste trabalho é promover encontros entre filmes e observar o que deles pode emergir.

A cineasta tupinambá, também chamada Olinda Muniz Wanderley, dirigiu, roteirizou e montou o filme em que também atua. Em sua maior parte, *Equilíbrio* utiliza imagens de arquivo, e é narrado por uma entidade espiritual, Kaapora, que critica as ações destrutivas contra o planeta Terra, se dirigindo diretamente ao homem civilizado. Essas ações se traduzem no tratamento desastroso dado às florestas, aos oceanos, à atmosfera, que causam queimadas, desmatamento, morte e ameaça de inúmeras espécies, tudo em troca de lucro.

¹ Trabalho apresentado ao GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, professora do Curso de Cinema e Audiovisual e do PPGCine, da Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: karlaholanda@id.uff.br

Fordlândia é uma cidade planejada por Henry Ford em plena Amazônia brasileira. O projeto audacioso consistiu em ocupar larga área no Pará com a finalidade de produzir borracha para a indústria automobilística dos Estados Unidos, contando com mão de obra da população nativa, que deveria se adaptar à rígida disciplina de produção industrial, e com a transformação da diversidade da vegetação em monocultura da seringueira. No entanto, não contaram com a inadaptação da população e do meio ambiente àquela domesticação civilizatória, o que fez com que o projeto entrasse em ruínas anos depois.

A cineasta portuguesa não conta nada dessa história em seu filme, ela está interessada em extrair dos escombros desse projeto o que está além do imaginário das pessoas que habitam hoje a região - imaginário acerca da aventura “dos americanos”, que resulta nas ideias de uma cidade utópica e de uma cidade fantasma. Para isso, ela usa fotografias de arquivo da época da implantação de Fordlândia, feitas pelos próprios idealizadores, e também conversas com moradores e moradoras, das quais ouvimos apenas as vozes, enquanto se veem lentos e longos planos da cidade abandonada e da paisagem natural.

Ao analisar os dois filmes, que têm abordagens bem diferentes, pretende-se vasculhar possíveis conexões entre eles, como o diálogo com o antropoceno. Esta proposta se refere à experimentação de um método para analisar filmes realizados por mulheres – mesmo que ele, igualmente, possa funcionar em filmes dirigidos por qualquer pessoa. Trata-se de um artifício deliberado para desencarcerar filmes da categoria “cinema de mulheres”, e tem duas principais razões: propiciar interesse maior ao cinema de mulheres por outras categorias que não o público feminino, sem alardear essa chancela, afinal, não é possível enfrentar o secular desequilíbrio do tratamento de gêneros falando só entre pares; e estimular que análises de tais filmes sejam mais abrangentes, expandindo renovadas possibilidades de conexões.

Referências

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade**: raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Veneta, 2019.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São paulo: Ubu editora, 2022.

HOLANDA, Karla. Cristais de sangue: resistência no cinema brasileiro feito por mulheres em uma análise implicada. In: **Rebeca**, v. 13, n. 2, 2024.

TSING, Anna. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: n-1 edições, 2022.